

XICO SÁ A FALTA



XICO SÁ
A FALTA

TUSQUETS
EDITORES

TUSQUETS
EDITORES

EXCERPTO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Xico Sá, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Marina Castro
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Laura Folgueira
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Ilustração de capa: Paula Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sá, Xico
A falta / Xico Sá. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
160 p.

ISBN 978-65-5535-734-9

1. Ficção brasileira I. Título

22-1637

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

- 11 PRIMEIRO TEMPO - HEMISFÉRIO NORTE
- 93 SEGUNDO TEMPO - HEMISFÉRIO SUL

TUSQUETS
EDITORES

PRIMEIRO TEMPO
HEMISFÉRIO NORTE

TUSQUETS
EDITORES

1º minuto

O apito do juiz desperta um sonâmbulo meio do mundo. A coruja mocho-diabo voa do ângulo esquerdo da trave. A sensação é de que fiquei no subsolo, não subi ao campo.

Respire, nunca lhe pedi nada, insisto – constrangedoramente. Talvez sua mulher ainda não tenha desaparecido, foi ilusão de ótica, culpe apenas o sol, ela não ultrapassou os arrecifes, tampouco foi devorada pelos tubarões.

Ignore também o delírio materno, ela jamais revelaria quem é o seu pai – o real – a esta altura, quatro décadas depois do seu nascimento. Isso não cabe nem mesmo em um pesadelo roteirizado por um fatalista. Desconsidere o terror, é só brincadeirinha da mamãe, *nana, neném, que a cuca vem pegar...*

Pai desconhecido, vale o que está na sua certidão de cartório, se apegue somente aos fatos, documento é documento, meu chapa. Deixe tudo fora do jogo, você sempre foi mestre nessa arte. Isso, respire, tente ao menos dar alguma dignidade a este fim de carreira, é como se fosse a sua primeira morte, é preciso alguma cerimônia.

Há o que contar, mantenha a calma, repare quantas páginas de glória, compreenda a caminhada, há quem levante um brinde, neste exato instante, em alguma taberna de Portugal ou da Espanha, à simples menção do seu nome. Você faz parte.

“Mares convulsos, ressacas estranhas...” Mande aquela do Xutos & Pontapés. Isso, cante uma do Camarón de la Isla, você amava o disco *La Leyenda del Tiempo*.

O campo até parece da época em que os esquimós jogavam futebol, trinta quilômetros entre um gol e outro, uma vastidão na floresta. O que não falta, porém, é oxigênio no ambiente; respire, aqui você rasga com a napa os alvéolos do tal pulmão do mundo. Basta que dê um passo adiante.

Todo pânico é ficção, *fuerza, hombre*, se defenda dos maus pensamentos, talvez um anjo esteja a caminho da latitude zero, ponha-se místico, hipoteque o que restou da alma, prometa entregá-la a algum demo ou divindade.

Pise na relva sem se preocupar em deixar rastros.

TUSQUETS
EDITORES

2º minuto

Piada! Minha mãe me inventou um pai aos quarenta de vida.

Jamais usei tal ausência paterna como desculpa para coisa alguma, nem mesmo construí uma imagem fantasiosa do sujeito. Dane-se, pouco importa quem tenha sido. Só pode ser uma troça.

Não caio no conto, isso é coisa de programa dominical de televisão. Você lá feito um panaca, sob hipnose do apresentador picareta, aí entra um covarde que o abandonou e você o abraça em um vale de lágrimas. Não me faça de palhaço de auditório, santa Deolinda.

Pelo menos o pai que minha mãe me apresenta deixou de fumar e beber vodca há muito tempo. Um pai morto não dá tanto trabalho assim, não exige um dramalhão televisivo.

A ideia é ignorar por completo o defunto. Nem sequer o levarei ao divã do doutor Fontanarrosa. Tenho grilos mais gordos e barulhentos para cuidar nessa hora. Esquece.

Conta outra, mãe, o que deu nessa cabeça? Uma vida inteira de silêncio e agora me sai com um pai do outro mundo. Prefiro o pai desconhecido do registro de nascimento. É um substantivo próprio e mais confiável do que um morto congelado em uma terra distante.

Dona Deolinda foi longe demais na saga. Mais precisamente, ao cemitério Vagankovskoye, em Moscou. O túmulo do sujeito é um dos mais procurados, sobram visitantes, sobram flores e sobram homenagens. Não será o meu pobre arranjo tropical de bem-me-quer que lhe fará falta.

Que fique por lá mesmo esse pai póstumo, não me venha com assombrações noturnas. Tenho cisma com as coisas sobrenaturais – nunca fui a um velório exatamente para evitar visitas inoportunas. Um fantasma paterno é tudo que não mereço. O fantasma da Cortina de Ferro. O fantasma que veio do frio. Vade-retro.

TUSQUETS
EDITORES

3º minuto

A Sevilhana levou nosso filho.

Nada me disse.

Sabia que ela estava grávida, uma gravidez pensada, não se pode atribuí-la ao descuido. Havia dito, ainda na Espanha, que desejava ser mãe no Brasil. Algo sibilado em passagem de uma conversa para outra, enquanto abria a segunda garrafa do vinho das quintas-feiras. Nada solene. Nada que precisasse olhar no olho.

Juro que ouvi. Não foi apenas a minha vontade que falou por ela, tampouco foi o vento.

Quero engravidar no mais estranho dos países, teria dito, juntando os farelos de pão sobre a toalha. Daí mudou de assunto, sem nem dar uma chance sequer ao meu espanto.

Apenas pensei: Desde que não se torne goleiro ou goleira, tudo certo. Tudo, menos essa sina. Seria uma desagradável surpresa saber um dia, pelos jornais, que o herdeiro havia sido castigado com o mesmo infortúnio. Pode até ingressar no futebol; não nessa posição. É o mínimo que rogo aos céus.

[...]

O abafadiço reforça a vertigem, desnorteio. Preciso de um pensamento atrás do outro para me distinguir, minimamente, dos bichos desossados nesta estufa tropical.

Se ainda é um homem, prove a si mesmo, com duas ou três coisas que façam sentido. Enfileire sujeito, verbo e dignidade.

Reaja, doente.

Pense que está no meio do mundo, a poucos metros da linha que divide os dois hemisférios, e que hoje, com o equinócio de outono, o dia terá a mesma duração da noite, por mais que a noite, espichada por insônias, seja a sua ideia de eternidade nas últimas semanas.

Dezesseis horas e três minutos, trinta e cinco graus, parte de cima do Equador, março de 2005. O sol risca a linha imaginária dividindo a Terra ao meio. Tento me equilibrar na latitude zero.

Tem alguém aí? Cadê o homem que habitava esta carcaça?

TUSQUETS
EDITORES

4º minuto

Não se morre de amor nos trópicos, Ela dizia, é tanta luminosidade, as cores estouram nas retinas, em fractais, o amor aqui no máximo leva à cegueira. Além do mais, é tudo tão barulhento, uma vida buzina, uma vida aos berros, ninguém fala em volume moderado, malditos pregoeiros, paredões de caixas de som, música alta, uma aparelhagem a cada esquina...

O cheiro de alho e cebola incensa todo o edifício – o Brasil é um país que refoga –; os cheiros também alcançam o último volume, refoga-se a alma, e a brisa morna (sabor churrasquinho de gato) se espalha pela cidade inteira.

Não há sossego para que uma criatura possa morrer de amor nos trópicos.

Mira aquela gente lá embaixo, começou o Carnaval, Ela dizia, mesmo quando não havia ainda uma valma na margem esquerda do Capibaribe. O desamparo aqui, mesmo quando verdadeiro, vira uma canção que faz broma da própria dor, música brega, dor de corno.

Pode ser uma virtude, Ela fingia valorizar. Mas levarei um tempo para o entendimento mínimo, acalmava-se. Não se morre de amor nos trópicos, não consigo imaginar um só Jovem

Werther nestas plagas – teria a sua casa invadida por La Ursa, blocos de sujos, seria sacudido pelos metais do frevo. Morre-se de tudo, menos de moléstias amorosas, morre-se de amarelidão, peste, virose, bubônica, febre do rato, dengue, zika. Um mosquito tropical tem mais poder que uma saga-amorosa-europeia-em-tempos-de-guerra.

Ela amava discorrer sobre o tema da impossibilidade da morte amorosa neste país. Talvez sentisse falta da original tristeza sevilhana ou ainda não soubesse decifrar a melancolia da terra radiosa.

Não se morre de amor nos trópicos, Ela cruzava comigo no corredor da casa, com a sua labirintite matinal. Quando pronunciava a frase, os olhos pareciam dançar flamenco. Ela mudava o tom. Não se morre de amor nos trópicos, agora mais rascante, como os derradeiros acordes de uma cigarra. E arrancava os tacos da sala no sapateado.

TUSQUETS
EDITORES